

**O QUE É COMUNICADO QUANDO O SUJEITO COMUNICA? AS  
INTERAÇÕES DA LINGUAGEM A PARTIR DE KANT, NIETZSCHE,  
MEAD E LACAN**

[WHAT IS COMMUNICATED WHEN THE SUBJECT COMMUNICATES? THE  
LANGUAGE INTERACTIONS FROM KANT, NIETZSCHE, MEAD AND LACAN]

**Ana Monique Moura de Araújo**

*amoniquemoura@gmail.com*

*<https://orcid.org/0000-0002-8195-6180>*

*Doutora em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia (UFPE-UEPB-UFRN) e HGB,  
Leipzig, Alemanha. Professora, Psicanalista e Neuropsicopedagoga. Pós-doutorado sob supervisão da Profa. Dra.  
Shirlene Santos Mafra Medeiros (UERN).*

**DOI: [10.25244/1984-5561.2026.8178](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2026.8178)**

Recebido em: 22 de março de 2026. Aprovado em: 08 de maio de 2026.

Caicó, ano 19, n. 1, 2026, p. 37-50.  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2026.8178](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2026.8178)  
Dossiê George Herbert Mead



**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

**Resumo:** Este artigo é fruto de um estudo interessado nos modos de investigação da linguagem a partir de perspectivas ligadas ao contexto da filosofia, da psicologia social e da psicanálise em uma confluência dialógica. Partiremos de Kant, com o qual discutiremos as reflexões sobre comunicabilidade estética da linguagem e seus desdobramentos para a compreensão da atividade do sujeito na cultura a partir de uma ideia de linguagem indeterminada. Em seguida, trataremos da crítica de Nietzsche à linguagem e ao discurso da produção de conhecimento determinista na cultura, permeando os caminhos para aprofundar o conceito de metáfora, o qual já anteciparemos uma aposta na reflexão desde Kant. Somaremos as colaborações de Herbert Mead à noção de relação entre subjetividade e linguagem, no campo do interacionismo simbólico e da invocação do *me (Self)*, realizando uma ponte com o sentido de partilha da linguagem trabalhada com Kant e Nietzsche, e avançando para o campo da sociabilidade da linguagem em um referencial para o comportamento mental da troca simbólica e constituição do sujeito social. Por fim, discutimos com Lacan a inconsistência da relação entre significante e significado, e a natureza metafórica e metonímica da troca comunicacional no contexto da vivência da alteridade, enquanto constituição e processo de elaboração da linguagem e da subjetividade.

**Palavras-chaves:** Linguagem. Sujeito. Alteridade.

**Abstract:** This article is the result of a study interested in the ways of investigating language from perspectives linked to the context of philosophy, social psychology and psychoanalysis in a dialogical confluence. We will start with Kant, with whom we will discuss reflections on the aesthetic communicability of language and its unfolding for the understanding of the activity of the subject in culture from an idea of undetermined language. Next, we will address Nietzsche's critique of language and the discourse of deterministic knowledge production in culture, permeating the paths to deepen the concept of metaphor, which we will anticipate a commitment to reflection since Kant. We will add Herbert Mead's contributions to the notion of the relationship between subjectivity and language, in the field of symbolic interactionism and the invocation of the self, creating a bridge with the sense of sharing of language worked with Kant and Nietzsche, and advancing to the field of the sociability of language in a reference for the mental behavior of symbolic exchange and construction of the social subject. Finally, we discuss with Lacan the inconsistency of the relationship between significant and signified, and the metaphorical and metonymic nature of the communicational exchange in the context of the experience of otherness, as a constitution and process of elaboration of language and subjectivity.

**Keywords:** Language. Subject. Otherness.

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

## **1 APRESENTAÇÃO & INTRODUÇÃO**

A modernidade desdobrou sua atenção às reflexões acerca da constituição do sujeito e suas possibilidades e alcances no âmbito da ciência, da filosofia, da psicologia, da sociologia, da antropologia e demais saberes. Este sujeito passava, entre os séculos XVI e XIX, a ganhar uma roupagem multifacetada, em decorrência das diversas áreas que o abordavam, mas manteve algo fixo e permanente, a saber, sua dimensão de realidade pensada como parte de um dilema ou relação entre um interno e um externo, um particular e um universal, um privado e um público, um individual e um social.

Mediante esses binômios heterodoxos, podemos destacar que a proposta de pensar o sujeito está encabeçada na concomitante proposta de pensar como ele se desdobra na relação com o que ele tem de interno e externo, consigo próprio e com outro sujeito (intersubjetividade), com sua disposição mental e a disposição mental do outro e assim por diante. Esse cenário traz, necessariamente, do nosso ponto de vista, a necessidade de trabalharmos o problema do elo entre as antinomias, tomando tal elo como a linguagem.

A linguagem, por sua vez, traz à baila o tema da comunicação e do discurso, e como esses fatores se desenvolvem a partir das atividades dos sujeitos (subjetividades). Na modernidade filosófica, Kant desponta como o filósofo que se esforçou em delimitar uma pesquisa acerca das potencialidades subjetivas no campo do que ele chamava por “comunicabilidade”. Em seguida, Nietzsche foi mais a fundo, realizando uma reflexão sobre tal potencialidade em vários âmbitos da filosofia, realizando uma crítica ao próprio conceito de verdade a partir da transgressão da linguagem dentro da visão da potencialidade do sujeito. Com Herbert Mead, encontraremos a elaboração de uma fundamentação ímpar para a psicologia social, a partir da proposta da linguagem enquanto interacionismo simbólico marcador da subjetividade como produto social. Com Jacques Lacan, chegamos na psicanálise, com a qual ele irá, interpretando Freud, fundamentar a definição da subjetividade, entre consciente e inconsciente, a partir da linguagem manifestada. Em seguida destrincharemos cada um desses autores dentro do tema que propomos.

## **2 KANT E A QUESTÃO DA COMUNICABILIDADE ESTÉTICA NO CONTEXTO DA INDETERMINAÇÃO**

A linguagem terá um papel fundamental na obra de Kant, sendo preferivelmente chamada de comunicabilidade. Aqui nós damos atenção ao campo da comunicabilidade dos afetos, sendo estes, especialmente, o ânimo e o prazer, enquanto alguns dos fatores principais constituintes da experiência estética do sujeito, que se lança num campo de representações simbólicas da linguagem enquanto partilha do que sente e percebe, diante da natureza ou de uma obra de arte (visual, musical etc).

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

Ao contrário da linguagem determinada, que é, segundo Kant, científica, e busca objetividade, a linguagem estética é indeterminada e, ainda que clame por alguma determinabilidade, ela não consegue atingi-la como consegue a ciência. Ela, na verdade, é uma performance, porque apenas a objetividade determinante é necessária e universal e, portanto, tal performance crava o fato subjetivo no que comunica. Assim, Kant diz que a linguagem indeterminada da experiência estética se dá num caminho de um “como se” (*als ob*) fosse objetiva. Agora, aqui aparece um ponto importante para entendermos por que Kant usa o termo comunicabilidade para tratar disso. É sabido que na linguagem da natureza e da arte observamos certos padrões, também entendidos como regras universais; Existe uma matemática para a natureza, assim como uma linguagem técnica para a arte, a qual demanda conhecimento e objetividade, como o cálculo de proporção, quantidade de materiais para certos fins, dentre outros fatores. Não é dessa linguagem que Kant quer falar. É daquela que, mediante um ajuizamento, o qual ele denominará de juízo de gosto, comunica o sentimento, não a regra ou técnica da natureza ou da arte. A comunicabilidade aqui é sensível, e expressa não o que está no objeto exatamente, mas o que emana do sujeito como se fosse uma realidade de conceitos determinantes. Por isso, Kant foca no sentido do que comunica. Quando falamos em um Da Vinci ou um Caravaggio, por mais que suas obras estejam mergulhadas numa matematicidade técnica profunda, não é isso que comunicamos ao outro, mas o que sentimos dessas obras. Apontamos, por exemplo, a beleza ou monumentalidade de uma Monalisa, não exatamente às regras ou materiais que Da Vinci utilizou, mas ao que ela é capaz de nos causar e como nos afeta, em suma, como se desdobra simbolicamente na humanidade. Essa afetação acaba sendo colocada, via de regra, como uma condição estética necessária dependente de uma qualidade da obra, quando, na verdade, é do sujeito lançado à obra que se trata a condição primordial da experiência estética, tendo em vista que o objeto isolado por si, sem a recepção subjetiva, que dá as condições de ajuizá-lo, estará vazio de sentido. Assim, diz Kant:

O prazer que sentimos, nós o imputamos a todo outro, no juízo de gosto como necessário, como se, quando denominamos uma coisa bela, se tratasse de uma qualidade do objeto, que é determinada nele segundo conceitos; pois a beleza sem referência ao sentimento do sujeito, por si não é nada. (Kant, 2005, p. 63)

A comunicabilidade exercida entre os sujeitos forma um processo intersubjetivo de formação de gosto e recepção, seja da natureza, seja da arte. A imputação do juízo de gosto sobre algo considerado belo, mediante o prazer que ele causa, provoca uma perspectiva do belo como algo necessário e universalizável na partilha entre os sujeitos. Assim, queremos dizer com isso que, dentro dessa perspectiva, se a objetividade da condição da beleza é uma performance e o que está em jogo é a afetação intersubjetiva, estamos falando em um campo no qual o sujeito representa algo. Aqui o conhecimento é uma faculdade, ou ainda, uma força que se dispõe a permitir-se na relação lúdica entre entendimento e imaginação. As faculdades de conhecimento, que através desta representação são postas em jogo, estão com isto em um livre jogo, porque nenhum conceito determinado limita-as a uma regra de conhecimento particular (Kant, 2005, p. 62). Segundo Kant, a representação é capacitada por um dueto que não se subsume a uma conceituação determinante, mediante a qual há um jogo interfacultativo, permitindo, de um lado, a compreensão do que se observa e, do outro, as ideias estéticas, as quais são, em si, ligadas a uma linguagem indeterminada.

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

A vivificação de ambas as faculdades (da imaginação e do entendimento) para uma atividade indeterminada, mas contudo unânime através da iniciativa da representação dada, a saber daquela atividade que pertence a um conhecimento em geral, é a sensação, cuja comunicabilidade universal o juízo de gosto postula. (Kant, 2005, p. 63)

Gostaríamos de vincular a formação das ideias estéticas ao processo elaborativo da linguagem metafórica e simbólica. Aqui é onde a indeterminabilidade e ausência de objetividade da linguagem abre um campo para a possibilidade plurissignificativa e elástica dos sentidos e representações. Isso demarca a experiência estética a partir das colaborações teóricas de Kant, é bem verdade, mas também nos fornece um pano de fundo para pensarmos traduções de conceber isso que ele chama de indeterminação.

Nesse caso, gostaríamos de apontar que a metáfora e o símbolo são recursos que visam dar sentido a algo, mas sem a delimitação da objetividade ou da tecnicidade comunicativa. São meios pelos quais o sentido perpassa seu caminho de maneira, inclusive, tortuosa, porque truncado, plural e complexo, a depender do contexto comunicativo. Eles dependem de um arcabouço representativo do sujeito, cujo sentido(s) capturado(s) dependerá(ão) exemplarmente do repertório cultural subjetivo e do referencial intersubjetivo.

Quando se manifesta a possibilidade de criar uma cultura de gosto sobre alguma coisa, está-se criando também a potencialidade de subjetividades enquanto produtos dessa cultura. É aí que entra a perspectiva de que, essa comunicabilidade de juízos através da linguagem estética (metafórica e simbólica), irá formar a possibilidade de elaboração de sujeitos com certos repertórios e condicionamentos judicativos dentro da cultura, porque influenciados por ela. Assim, a subjetividade pura, cujo repertório é isolado, não tem lugar na perspectiva da cultura mediada pela comunicabilidade dos juízos, mas sim a subjetividade enquanto afetação, produção e elaboração social. Isso parte do próprio sentido de subjetividade transcendental, trabalhada por Kant, na *Crítica da Razão Pura*, em que ele defenderá o sentido da subjetividade como uma ligação, um elo entre sua condição a priori de percepção e a sua condição a posteriori de apreensão dos fenômenos. Essa é a condição estética transcendental do sujeito (Kant, 2012, p. 71-2), que demarca sua limitação em relação aos fenômenos, as coisas sobre as quais o sujeito pode lançar sua percepção, mas não se pode atingir sua essência, mesmo que a objetividade da linguagem científica persista e seja válida em seu próprio âmbito, ao designar tais fenômenos (Kant, 2012, p. 101, 102).

No caso da experiência estética no campo da apreensão sem finalidade determinante e objetiva, o sujeito, na vivificação de seu ânimo, ou no sentimento de prazer, diante do que aprecia esteticamente, comunica seu ajuizamento de gosto possibilitando a formação de uma cultura estética permeada por judicações de outros sujeitos em comunicabilidade, cuja soma favorece núcleos de visões condicionantes da beleza na natureza ou na arte, favoráveis a ideias universalizantes destes fatores a partir dos afetos. É aqui que falamos em caráter social do sujeito, dentro da perspectiva da linguagem comunicada.

O fato de que o poder comunicar seu estado de ânimo, embora somente com vistas às faculdades cognitivas, comporte um prazer, poder-se-ia demonstrar facilmente (empírica e psicologicamente) a partir da tendência natural do homem à sociabilidade. (Kant, 2005, p. 62-3)

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

O caráter social do sujeito é, portanto, ampliado pela ideia de disposição da partilha do ânimo e do prazer em forma de linguagem, expressa na experiência estética humana. Esse parâmetro é o que, para Kant, constitui o ideal para a formação da cultura numa civilização. Assim, a cultura está permeada pelo sentido de comunicabilidade estética.

### **3 NIETZSCHE E A LINGUAGEM NO DESTINO DA METÁFORA**

Nietzsche despontará na história como um filósofo que se contraporá de maneira veemente a muitas posições do pensamento filosófico clássico e moderno. É um filósofo à margem, portanto, ainda que, ao mesmo tempo, fundamental para a filosofia. Ele assume essa categoria por representar, de um lado, um desequilíbrio da estabilidade conceitual da filosofia e, do outro, por abrir campo para novas formas de pensar. Esse campo é, necessariamente, a nosso ver, cravado no âmbito da crítica do discurso filosófico e científico, para o qual Nietzsche endereça uma análise contundente, na qual, ao contrário de Kant, destaca que haja uma performance no seu modo de comunicabilidade. O que Kant considera ser parte da estrutura da experiência estética difundida na linguagem indeterminada, Nietzsche irá tomar como sendo algo que vai além, e está presente em outras linguagens e estruturas, tais como as científicas e lógicas. Para Nietzsche, a teia da linguagem que se apresenta para nós como objetiva e determinante é, na verdade, subjetiva e indeterminada, moldada por uma estrutura metafórica e simbólica. A linguagem comunicada através do discurso do conhecimento é, para Nietzsche, o resultado dos impulsos subjetivos em busca de representatividade, poder e preservar-se a si próprio. Aqui o conhecimento é uma estratégia dissimulada de elaboração de discursos e conceitos. “Enquanto o indivíduo, num estado natural das coisas, quer preservar-se contra outros indivíduos, ele geralmente se vale do intelecto apenas para a dissimulação.” (Nietzsche, 2009, p. 532). A comunicabilidade do discurso e dos conceitos aqui não é apresentada, por Nietzsche, segundo a força de sociabilidade positiva, mas negativa. É para o confronto, e não para o enlace, que Nietzsche foca a dissimulação do uso da validade lógica da linguagem, através de uma visão metamoral do valor de verdade objetiva imaginária difundida com os conceitos.

Agora, fixa-se aquilo que, doravante, deve ser ‘verdade’, quer dizer, descobre-se uma designação uniformemente válida e impositiva das coisas, sendo que a legislação da linguagem fornece também as primeiras leis da verdade: pois aparece, aqui, pela primeira vez, o contraste entre verdade e mentira; o mentiroso serve-se das designações válidas, as palavras, para fazer o imaginário surgir como efetivo. (Nietzsche, 2009, p. 536).

A demarcação da verdade atesta um impulso social à veracidade da linguagem comunicada da realidade das coisas, mediante o que Nietzsche tomará como um sentimento de obrigação a indicar definições de conceitos (Nietzsche, 2009, p. 536). Trata-se de um construto da confiabilidade da verdade a partir de conceitos instaurados, que é, ele próprio, contudo, um

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

conjunto de ilusões permeadas por supostas objetividades camuflando suas teias metafóricas. “As verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas, que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas.” (Nietzsche, 2009, p. 536). Assim, chegamos à convenção e normalização das coisas a partir de seus conceitos, mergulhando na esfera do senso comum, em que o valor real da palavra, em sua potência criativa, simbólica e metafórica, é escondido numa dissimulação de objetividade e determinação, o que nos coloca numa banalização da própria linguagem no caminho de uma suposta verdade.

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias (Nietzsche, 2009, p. 536)

A linguagem passa a ser, então, um tipo de demarcação de verdade, na medida em que a limita. O conjunto de línguas, dentro dela, realiza esse processo, ao designarem coisas. Nietzsche não quer negar a metáfora e o símbolo, mas nos lembrar que a linguagem que a nega, para fazer-se objetiva, na verdade, depende tanto da metáfora e do símbolo como a linguagem que se declara como própria desses elementos linguísticos. O sujeito, portanto, segundo Nietzsche “designa apenas as relações das coisas com os homens e, para expressá-las, serve-se da ajuda das mais audaciosas metáforas” (Nietzsche, 2009, p. 534).

Portanto, a linguagem clara e objetiva é uma ilusão, uma outra forma de disseminar, metaforicamente, um impulso humano vital de designar as coisas entre as pessoas. Nietzsche gostaria de apontar para isso que toda a vida é um campo criativo e elaborativo de significado e sentido. As relações humanas se distribuem numa corrente de trocas de conceitos enquanto determinantes na história icônica, recebidos e difundidos, enquanto objetividade sem simbologia e sem metáfora: discurso direto, científico, claro, matemático e lógico. Mas o que vivenciamos, segundo Nietzsche, é uma teia de sonhos criativos. (Nietzsche, 2009, p. 538); Sendo isso reconhecido, poderíamos retomar a ilusão, não como o demônio enganador a ser recusado ou trocado por outro sonho, o sonho da razão objetiva e de sua linguagem, mas como estofamento para a própria vida criativa numa iconoclastia da objetividade, a qual não é outra coisa que fruto de subjetividades. A logicidade da linguagem precisa ser reconhecida como um outro tipo de mito substituto e substituível (Nietzsche, 1974, p. 209). Seria preciso desnudar a linguagem do que ela não é e expor sua carga metafórica e onírica, não como ausência conquistada pela cultura da razão científica e objetiva, mas com presença irrecusável e invencível, transbordando a possibilidade elástica da vitalidade da linguagem no devir humano.

#### **4 A LINGUAGEM COMO INTERAÇÃO SIMBÓLICA EM MEAD**

Herbert Mead irá avançar as reflexões sobre a linguagem, delimitando o campo do simbólico como lógico. Sua contribuição está no fato de ele trabalhar esse tema na perspectiva do

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

desenvolvimento de uma teoria social, com foco no comportamento do sujeito reconhecido em dois pilares fundamentais, uma parte referente, o eu, e outra de autorreferência, o *me* (Self). O *me* é o sujeito enquanto produto das relações sociais permeadas pela interação simbólica significante da linguagem. O eu, considerado sem o *me*, é a estrutura subjetiva enquanto de fora da camada social. Diríamos que é uma camada mais abstrata, embora seja condicionante do *me*, ou seja, do referencial a partir da camada social do sujeito. Ela é a parte semelhante ao que Kant definirá por subjetividade transcendental, a qual abarca as condições singulares de percepção dos fenômenos a serem conceituados através da linguagem. É o estado anterior à possibilidade do self social.

O interno e o externo da subjetividade, ou seja, o *eu* e o *me*, relacionam-se em um ciclo de condicionamento cognitivo, de um lado, e, de outro, elaboração de significado a partir da interação simbólica da linguagem com outros sujeitos. Assim, podemos assumir que existe uma lógica e uma dialógica como partes fundamentais da condição subjetiva e social do desdobramento da linguagem. Mead irá alertar para o modo como sons, cheiros, imagens e afins irão se configurar como sinalizadores comunicacionais na formação das subjetividades e, com isso, da própria cultura, no que tange hábitos, conhecimentos, rituais etc. Essa relação é condição para o que Mead convoca o que chama de “inteligência reflexiva”, que é o resultado da relação entre previsão e memória por parte do *eu*, a partir do que se garante com a experiência do *me*. Por esse motivo, o *me* é um processo, enquanto o eu, se configura como fator condicionante, próximo do que podemos chamar de substância (Mead, 1962, p. 78).

A interação simbólica revela a teia de significados diversos na camada dialógica humana. Falar, ao fim, em *me*, é falar sobre a interação entre o *eu* e o *outro* na produção dos símbolos significantes. Assim, “quando o outro se instala de múltiplas perspectivas, como no jogo, o sujeito social forma-se de modo complexo, interdependente, e crítico.” (Abibi, 2005, p. 104). A troca, a interação, irão corresponder, nesse caso, a uma relação de afirmação e negação cíclica dos significados na história da linguagem mediante a relação intersubjetiva. É, de outro modo, um campo dialético de processo que instaura, ele próprio, a fixação da dimensão subjetiva no contexto social. Em outros termos, é o que Mead chamará de “conversação social do eu com o *me*” que permite a dimensão do sujeito e de sua prática intersubjetiva (relação com o outro). Assim, diz Mead, “a linguagem não simboliza simplesmente uma situação ou objeto que já estejam ali, antecipadamente” (Mead, 1962, p. 78), isso porque trata-se de um processo necessariamente social, mediante o qual a própria subjetividade se perfaz enquanto linguagem externamente constituída e, necessariamente, partilhada.

O sentido de um pensamento filosófico em Mead, que acaba abrindo espaço para uma psicologia social, assenta exatamente nisso: a noção de que as subjetividades e sua linguagem, são o que irão permitir que o “individual-mente sendo do sujeito” condicione a possibilidade de seu comportamento mental a partir da relação com outros indivíduos através da interação simbólica significante. Esse cenário revela, portanto, a natureza do comportamento humano em sua camada subjetiva social. Frisar aqui uma psicologia social implica em delimitar a diferença com a psicologia clássica, sobre a qual, Mead fala o seguinte: “A psicologia tendeu a tratar o *self* como um elemento mais ou menos isolado e independente, uma espécie de entidade que poderia, por definição, existir por si só.” (Mead, 2010, p. 137). Ou seja, saindo desse purismo, Mead trará a proposta de pensarmos a pessoa e seu comportamento como expressão da subjetividade social.

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

A essência do *self*, como dissemos, é cognitiva: ela está na conversa internalizada dos gestos, que constitui o pensamento, ou em termos de que o pensamento ou a reflexão prossegue. E, portanto, a origem e as fundações do *self*, como as do pensamento, são sociais. (Mead, 2010, 96)

Daí que a referência teórica de Mead seja uma colaboração à abordagem comportamentalista, visando suas finalidades, o que o coloca também, por outro lado, na abordagem pragmatista, em que o interacionismo simbólico demarcará a sobrevivência humana na elaboração da própria sociedade como um campo de personalidades em interação, a qual, podemos chamar de comunicação, porque advém de um conjunto de comunidades que partilham seus significantes. Portanto,

Uma pessoa é uma personalidade porque pertence a uma comunidade, porque assume as instituições dessa comunidade na sua própria conduta. Ela usa a língua da comunidade como um meio para ter a sua personalidade e, então, através do processo de adotar os diferentes papéis fornecidos por todos os outros, ela consegue ter a atitude dos membros da comunidade. Em certo sentido, essa é a estrutura da personalidade de um homem. Há certas respostas comuns dadas por cada indivíduo a certas coisas comuns, e, se essas respostas comuns são despertadas no indivíduo no momento em que ele está afetando a outras pessoas, ele desperta seu próprio *self* (Mead, 2010, p. 135-6)

Despertar o *me* (*self*) é desabrochar o sujeito atravessado pela linguagem. Sem isso, não podemos falar em sujeito social e, portanto, em personalidade, o que significa que não conseguiríamos mencionar a natureza dos comportamentos, dos papéis, dos códigos e afins de um grupo social. A linguagem assume o papel da conversação subjetiva na imersão na outridade, enquanto condição do desdobramento social do sujeito, o qual se fixa como uma inteligência reflexiva no âmbito da relação com a alteridade, constituindo a comunidade no seu sentido simbólico, tomado, por Mead, como o “outro generalizado” (2010, 132).

O indivíduo possui um *self* apenas em relação com os *selves* dos outros membros do seu grupo social; e a estrutura de seu *self* expressa ou reflete o padrão de comportamento geral desse grupo social ao qual ele pertence, da mesma forma que o faz a estrutura do *self* de todo outro indivíduo pertencente a esse grupo social. (Mead, 2010, p. 136)

Assim, também, o viés antropológico da psicologia social de Mead, nos desponta à frente, possibilitando uma abertura para vermos a linguagem em seu contexto orgânico e teleológico, fora do purismo dogmático e do caráter deontológico da civilização, graças a um outro modo de conceber a formação da subjetividade a partir da linguagem simbólica em exercício de interação constitutiva.

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

## 5 LACAN E A LINGUAGEM NO CONTEXTO DOS SIGNIFICANTES

Obedecendo uma outra estrutura, diferente da psicologia social, nós invocamos agora o sujeito da teoria psicanalítica, o qual será talhado por Freud no século XIX, ao anunciar as tópicas psíquicas do sujeito como objeto clínico. A dimensão subjetiva será compreendida aqui enquanto dimensão mental, cujo funcionamento se distribui a partir de três instâncias, o Id, o Ego e o Superego, com, de outro lado, outras três, a saber, o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Lacan, apesar de se denominar um freudiano, por, ele próprio seguir adiante com a missão da psicanálise, irá superar, contudo, o foco nessa arena, saindo do psiquismo de Freud, para focar no aspecto da linguagem.

Lacan não acolhe a linguagem como um objeto das ciências da linguagem, mas como uma instância que a extrapola. Ele tratará a linguagem como uma manifestação que depende do outro como condição da constituição da subjetividade. É na relação com o outro, em elaboração da linguagem, que o sujeito se perfaz e se (re)elabora, dando sentido à própria linguagem, em um processo cíclico. Não é, portanto, no foco no estudo da relação entre significante e significado, como fizera o linguista Ferdinand Saussure, que a linguagem precisa agora, para Lacan, estar, mas no contexto dos significantes livres, os quais, desse modo, não estarão condensados em um direcionamento preciso, mas numa teia de indeterminações, na qual a lógica do significado dos significantes sofre rupturas.

A cadeia simbólica da linguagem, para Lacan, e diferentemente de Herbert Mead, não assume, portanto, uma organização delimitada por uma lógica interna, mas atravessada por uma falta de delimitações. Daí que os significantes não significam nada em si, na abordagem lacaniana. Eles são inconsistentes, transmutáveis, substituíveis, temporários, relativos. Aos serem invocados, eles exibem o desejo do sentido, o qual não é, exatamente sua essência, mas, por outro lado, a sua falta. Assim, significar um significante é, em outros termos, dar espaço para confirmar o desejo de sentido, por haver sua falta, e não a confirmação do sentido por haver sua suposta presença. Aqui reside também o “falta a ser” (*manque à être*) do qual Lacan trata. É nesse aspecto que o que vale para a psicanálise lacaniana não são os fatos vividos pelo sujeito, mas o modo como ele os narra, ou, ainda, como ele tenta preencher os significantes com significados.

Não é, portanto, no acerto ou eficácia significativa da linguagem, em seu modo de definir e logicamente designar o que se quer significar ou dar sentido, que a linguagem se define. É, ao contrário, naquilo que em que ela resvala, escorrega e não define, a partir do próprio exercício de acerto no que define ou designa dentro de uma curvatura à uma tarefa lógica, que a linguagem manifesta seu modo de ser enquanto algo que falta a ser. É, portanto, na abertura. Assim, a linguagem assume o papel de desejante de sentido e campo indeterminado de determinações. Sendo ela, assim, arena do outro para o qual o sujeito se lança, a linguagem performa o próprio desejo do sujeito no mundo, ou, ainda, a sua própria condição de ser faltante. O próprio sujeito é um significante faltante (S1) na relação com outros significantes faltantes (S2), desejantes de significados, e elaboradores, portanto, deles. O sujeito é então, configuradamente, um *falta a ser* contínuo. Ele é este significante primário, e o que está próximo do que Lacan chama, inspirado em suas leituras de Kant, e suas interpretações acerca do desenvolvimento do conceito de unicidade, de “traço unário” (Lacan, 2003, p. 151). Ele corresponde à instância ou condição de abertura à relação aos demais significantes. O traço unário é o que une o sujeito simples aos significantes secundários, em suma, o que une *um* ao *outro*. Essa união desdobra-se em um tipo de unicidade, a qual poderá ser chamada, enfim, de subjetividade e, mesmo, novamente, de sujeito,

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?**  
**As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

contudo, na concepção de sujeito constituído, não mais de um sujeito primário isolado. Isso abre caminho para associar a subjetividade à alteridade.

Lacan parte da evidência de que a linguagem, a cadeia simbólica, determina o homem antes do nascimento e depois da morte. O bebê vem ao mundo humano marcado por um discurso, no qual se inscreve a fantasia dos progenitores, a cultura, a classe social, a língua, a época etc. Enfim, podemos dizer que tudo isso constitui o campo do Outro, lugar onde se forma o sujeito. Por essa razão Lacan não só insiste na exterioridade do simbólico em relação ao homem, mas também na sua sujeição ao discurso. (Jorge; Ferreira, 2005, p. 44)

Lacan distingue, assim, o pequeno outro do grande Outro, sendo o primeiro perspectiva da subjetividade simples e o segundo a da subjetividade constituída, ou seja, permeada pelo conjunto de significantes secundários na alteridade vivenciada e alargada. “A relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, mas não porque o Outro seja o objeto único, e sim na medida em que o Outro é fiador da linguagem e a submete a toda sua dialética” (Lacan, 1999, p. 145). No conjunto de significantes o que se quer realizar é o processo desejante de significação a partir da designação e classificação dentro da missão da linguagem de identificação diacrítica das coisas, dos seres e dos sentidos. Assim, trata-se da relação entre o significante simples e o significante constituído. “Quando se fala de identificação, o que se pensa primeiro é no outro a quem nos identificamos, e que a porta me é facilmente aberta para enfatizar, para insistir sobre essa diferença entre o outro e o Outro, entre o pequeno outro e o grande Outro” (Lacan, 2003, p. 13). A ordem de ligação diferencial entre as alteridades é precisamente o traço unário, ou seja, o trato subjetivo na relação com outro e, com isso, na constituição da própria subjetividade, que se se exprime a partir de uma ordem simbólica, qual seja, a linguagem.

Lacan avança tratando dos conceitos freudianos de *condensação* (*Verdichtung*) e *deslocamento* (*Verschiebung*), outrora talhados para o campo do psiquismo inconsciente, porque foram invocados para a compreensão dos processos oníricos (FREUD, 1996). Ele interpreta então a questão para o campo da linguagem, ao relacionar condensação à metáfora e deslocamento à metonímia. Enquanto que Freud defendia que condensação era um modo do agrupamento de informações seletivas do cotidiano no sonho e deslocamento um modo de ocultamento do desejo inconsciente no processo onírico, Lacan associou a metáfora, como um agrupamento de significados seletivos e a metonímia como o processo de ocultamento inconsciente das forças desejantes na fala e no exercício da ordem simbólica própria da linguagem.

Assim, a subjetividade é um campo no qual o inconsciente atua formulando uma atividade dentro do campo da ordem simbólica a partir do desejo de significado. Assim, ela se realiza se tornando um produto da alteridade no campo das narrativas de si. Quem eu sou? O que faço? Como atuo? Tais perguntas clamam narrativas, as quais serão delineadas a partir do ponto de referência do outro sobre si e de si na diferença do outro, ou, ainda, no efeito do outro sobre a constituição de si. Carentes de significados, logramos significantes sobre outros significantes em um processo cíclico, realizando metáforas e rendimentos metonímicos, que se afirmam e se negam, se abraçam e se recusam, na medida em que declaramos, com a linguagem, a identificação (ou não) da nossa subjetividade, enquanto esta se declara como abertura de significado, por sua falta ou desejo.

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

## 6 CONCLUSÕES

Com os autores invocados em nosso estudo, vislumbramos que relação entre subjetividade e linguagem demarca um campo em que a subjetividade se mostrará como inteiramente outra a si própria, passando de uma condição simples para uma condição constituída e complexa, enquanto que a linguagem se despirá de sua armadura essencialista para um desnudamento e abertura a sua reelaboração no campo dos significados e significantes. Diferentemente de buscarmos recursos reflexivos a partir de uma filosofia analítica da linguagem ou estruturalista, ao nos debruçarmos sobre esse tema com Kant, Nietzsche, Mead e Lacan, na ressalva de seus pontos diferenciais teóricos, chegamos a um caminho confluyente para uma compreensão, na qual podemos destacar, pelo menos, três principais aspectos da linguagem: seu valor estético, sua dimensão simbólica e sua capacidade de elaborar o sentido do sujeito na dimensão afetiva, psíquica, comportamental e social.

Com Kant, o sentido de comunicabilidade da linguagem se alarga a partir, exatamente, do referencial estético, ou seja, do campo sensível humano no exercício da articulação da imaginação enquanto escopo para formular ideias estéticas não apenas partilháveis na linguagem, mas capazes de redefiní-la para além de seu intento determinante de conceitos. A partir dessa tomada, nós buscamos associar essa reflexão de Kant ao campo do símbolo e da metáfora nos discursos e juízos de gosto, enquanto, em suma, sendo fatores fundadores de um repertório judicativo estético para a formação de um tipo de cultura na sociedade, enquanto que essa cultura formula a produção de subjetividades atinentes a ela. Tais subjetividades carregam, assim, o repertório dos sentidos ligados ao discurso estético de apreensão e compreensão do mundo, mediante as quais a dimensão subjetiva se referencia e se perfaz em uma contínua comunicabilidade variável e aberta. Não se pode atingir a coisa-em-si, nem no caminho da linguagem rigidamente epistemológica, nem no caminho da abertura para a linguagem estética, para Kant. Em Nietzsche, destacamos a radical tomada da linguagem como sendo, ela inteira, entre os variados tipos de discurso e comunicabilidade, um esforço estético (sensível, performático e criativo) da humanidade em cravar a mentira como verdade, a metáfora como conceito determinante, a ilusão e o sonho como a essência metafísica do real, o mito como lógica e discurso científico. Esses processos ocorrem, paradoxalmente, na medida em que essa linguagem recusa a mentira, a metáfora, a ilusão, o sonho e o mito. Nietzsche desnuda a linguagem de sua performance e deseja nos mostrar como, mesmo em se tratando da linguagem mais objetiva, ela não está subsumida à objetividade. É, portanto, a objetividade, um sonho do sujeito, que deseja alçar voos acima de sua condição de não poder descobrir a essência das coisas em si mesmas. Aqui há um ponto de contato com a recusa da coisa-em-si já encabeçada por Kant, o qual, ainda que defendesse uma linguagem objetiva no campo científico, recusou que ela pudesse atingir a essência das coisas com tal objetividade. Com Mead, entramos no terreno de uma teoria social que formula a ideia de elaboração da subjetividade a partir da interação simbólica (a conversação interna de gestos e a formação da inteligência reflexiva). Mead apela para o sentido do simbólico como válvula da linguagem, reconhecendo nela o fator lógico da comunicabilidade e do desenvolvimento cognitivo e comportamental dos sujeitos sociais. A separação que Mead monta entre *eu* e *me* será fundamental para entendermos, do ponto de vista psicológico, a dimensão social do sujeito e como é a linguagem travada na relação com o que Mead chamará de “outro generalizado”, que afetará a identificação do sentido cognitivo de subjetividade. Portanto, o processo de elaboração da subjetividade é um *continuum* a partir do que se garante na interação simbólica. Já com Lacan, parece atingirmos algo próximo de uma cristalização dos autores anteriores em suas respectivas

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

abordagens, ressaltando suas diferenças e finalidades temáticas. Lacan invocará o aspecto sensível da linguagem, como já apontava Kant, destacando, inclusive a influência do filósofo em sua abordagem, destacando também a força metafórica dos significados dos significantes, ao defender a indeterminação da linguagem, como fizeram tanto Kant como Nietzsche, ao passo que, assim como fez Mead, Lacan irá destacar a ideia de uma subjetividade constituída como aquela que se revela e se forma na relação com a alteridade, a qual Mead chama de outro generalizado, enquanto Lacan chama de relação entre o pequeno outro e o grande Outro.

Fica a pergunta após essas notas reflexivas: então, o que, por fim, o sujeito comunica, quando se comunica? Partimos da ideia de que existe uma linguagem, sendo, o próprio sujeito sua constituição enquanto um significante passível de significados. Explicando ou ampliando a questão, o que o sujeito, enquanto algo que clama por significado, comunica, quando comunica a linguagem que diz possuir ou atingir o significado de algo? Certamente poderíamos apostar que o sujeito comunica não exatamente os seus afetos, suas inclinações psíquicas ou seus comportamentos, mas algo mais complexo. Ele comunica o que tenta narrar o que seja ou não seus afetos, sua mente e sua ação, ou melhor dizendo, o que consegue compreender por significado do que sente, pensa e age. A linguagem atesta, ao fim, não só a abertura ao significado, mas também a limitação subjetiva a ele, a qual sempre está sendo testada, forjada, reconstituída, reelaborada e, até mesmo, destruída. Da mesma forma, a subjetividade, essa coisa que colocamos entre um eu e um outro, entre um interno e um externo espaço mental ou metafísico, entres o indivíduo e o social, se reelabora e se rui ao mesmo tempo, na cadeia dialética vital da linguagem.

**O que é comunicado quando o sujeito comunica?  
As interações da linguagem a partir de Kant, Nietzsche, Mead e Lacan**

ARAÚJO, Ana Monique Moura de.

**REFERÊNCIAS**

- ABIBI, José Antônio Damásio. **Teoria social e dialógica do sujeito**. Psicologia: Teoria e Prática. V7. N1. São Paulo, Jun. 2005.  
Chicago: The University of Chicago Press, 1962.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud - edição standard brasileira, 1996.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Poética**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1960.
- JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- KANT, Immanuel. **Kritik der reinen Vernunft**. Damstadt: Insel Verlag, 1968. - KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução: Fernando Costa Matos. Petrópolis: Vozes, 1996.
- KANT, Immanuel. **Kritik der Urteilskraft**. Damstadt: Insel Verlag, 1968. - KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução: Valério Rohden. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 5. As formações do inconsciente**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 9. A identificação**. Recife: Centro de estudos freudianos de Recife, 2003.
- MEAD, Herbert. **A brincadeira, o jogo e o outro generalizado**. Tradução: Marília Novais Machado. Pesquisas e Práticas Psicossociais 5(1), São João del-Rei, janeiro/julho 2010.
- MEAD, Herbert. **Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorism**.
- MEAD, Herbert. **O self e o subjetivo**. Tradução: Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Pesquisas e Práticas Psicossociais 5(1), São João del-Rei, janeiro/julho 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe (KSA)**. Berlin/München: Walter de Gruyter/ dtv, 1988
- NIETZSCHE, Friedrich. **Verdade e mentira no sentido extra-moral**. In: MARÇAL, Jairo (Org.) Antologia de textos filosóficos. Curitiba: SEED, 2009.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, s/d.